

# Atletas-referência da natação feminina

FABIANO PRIES DEVIDE

## *Women athletes of excellence in swimming*

*This chapter, constructed from interviews and historical sources, aims at presenting the brilliant careers of four sportswomen. All of them were Olympic athletes in different stages of development throughout the 20<sup>th</sup> century; therefore, witnesses of a historical process. It is relevant to introduce them to*

**Definições** O presente capítulo, construído a partir de entrevistas e fontes históricas, visa apresentar a trajetória esportiva de quatro mulheres, atletas olímpicas, que participaram da seleção brasileira de natação em diferentes estágios de desenvolvimento ao longo do século XX. Considerando-as testemunhas de um processo histórico, apresentá-las torna-se relevante para caracterizar vida e feitos da atleta e do atleta brasileiro em geral, ora em delineamento nesta seção do Atlas. Uma quinta nadadora a pertencer a este grupo seria Maria Lenk, mas esta atleta está incluída entre os modelos de excelência do esporte brasileiro, conforme apresentados em outro capítulo. As atletas-modelo, a seguir biografadas de forma resumida, representam os seguintes estágios: Piedade Coutinho Tavares - Jogos Olímpicos entre 1936 e 1952; Maria Elisa Guimarães Zanini e Patrícia Amorim Sihman – décadas de 1970 – 1980; Fabíola Pulga Molina – década de 1990 e Jogos Olímpicos de Sydney, 2000.

**Piedade Coutinho Tavares** Nasceu em 02 de abril de 1920. Iniciou a carreira no Clube de Regatas Guanabara-C.R.G. do RJ, passando por vários clubes cariocas até o final da carreira. Estreou em competições no I Campeonato Brasileiro que incluiu provas femininas, em 1935, no Clube de Regatas Guanabara. No mesmo ano, participou do I Campeonato Sul-Americano Feminino de Natação, no Rio de Janeiro. Após as “preparações olímpicas”, organizadas pela Liga de Esportes da Marinha-L.E.M. nos anos de 1935-1936, Piedade quebrou o recorde brasileiro dos 400 metros livre, surgindo no cenário internacional com marcas que a posicionaram entre as melhores do mundo na provas de 100 e 400 metros nado livre. Nos Jogos Olímpicos de Berlim, foi a única mulher integrante da delegação brasileira da Confederação Brasileira de Desportos-CBD, sendo considerada a “mascote” da delegação e a maior esperança da natação nacional. Aos 16 anos, ficou em 8º lugar nos 100 metros livre e 5º lugar na prova dos 400 metros livre, sendo a primeira nadadora brasileira finalista olímpica, o que lhe rendeu o apelido de “Garota-Prodígio” pela imprensa. Em 1940, causou espanto ao quebrar o recorde sul-americano dos 1500 metros nado livre, quebrando outros três recordes nas passagens dos 500, 800 e 1000 metros. No Campeonato Brasileiro de Natação de 1941, em São Paulo, marcou 1’08”5 nos 100 metros livre, uma das melhores marcas mundiais para a distância. No VII Sul-Americano de Natação de Viña Del Mar, Piedade Coutinho marcou 50,5 pontos dos 174 efetuados pela equipe feminina, sendo responsável pelos únicos recordes individuais. Logo após esta competição, se afastou das piscinas, casou-se e teve o primeiro filho, Frederico. Tornou-se um exemplo ao retornar às competições em 1943. No Campeonato Sul-americano de 1947, em Buenos Aires, aos 27 anos, venceu todas as provas em nado livre, tornando-se invicta na América do Sul dos 100 aos 1500 metros neste estilo. Aos 28 anos, e contradizendo os princípios sociais da época, Piedade, já mãe e esposa, não abandonou as piscinas. Continuou aperfeiçoando a técnica, tornando-se campeã sul-americana novamente. Em 1948, a C.B.D. recebeu da Federação Francesa de Natação uma relação dos melhores nadadores do mundo, onde constava o nome de Piedade. No mesmo ano, recebeu o “Troféu Cásper Líbero”, por ter sido considerada a “maior atleta do Brasil”. Em competição preparatória para os Jogos Olímpicos de Londres, Piedade marcou um dos melhores tempos do mundo para a prova dos 400 metros livre: 5’20”3/10, o que lhe renderia o vice-campeonato olímpico; contudo, as más condições de estadia e alimentação das atletas brasileiras em Londres, resultaram na piora da *performance* na competição, não conseguindo repetir os resultados alcançados no Brasil. Piedade foi finalista nos 400 metros livres aos 28 anos, classificando-se em 6º lugar, sendo a única brasileira finalista em provas individuais. No fim da carreira esportiva, Piedade foi medalhista nos I Jogos Pan-Americanos, ocorridos em Buenos Aires. Em 1952, no Campeonato Sul-Americano no Peru, aos 32 anos, foi selecionada para os Jogos Olímpicos de Helsinque, atingindo o índice estipulado pela CBD, igualando suas melhores marcas. Piedade Coutinho tornou-se a atleta brasileira de maior longevidade esportiva, participando de três edições

*characterize the life and feats of Brazilian sportswomen and sportsmen in this section of the Atlas. A fifth swimmer to belong to this group would be Maria Lenk. However, she is included in the chapter of the Brazilian athletes who represent models of excellence. The model athletes whose short biographies are*

dos Jogos Olímpicos entre 1936 e 1952, mesmo com a interrupção causada pela II Guerra Mundial. Estabeleceu 28 recordes sul-americanos (24 individuais e 4 em revezamentos) desde 1935, quando estreou, aos quinze anos. Passou à diretora de natação do Botafogo Futebol e Regatas (RJ), onde finalizou sua trajetória como atleta. Em busca de auxílio para crianças portadoras de poliomielite, no final da década de 1950, Piedade Coutinho fez campanha para a construção do “Lar de Recuperação da Paralisia Infantil”, onde desenvolveu atividades aquáticas, obtendo sucesso e reconhecimento do governo federal. Piedade faleceu em outubro de 1997.

**Maria Elisa Guimarães Zanini** Nasceu em 23 de setembro de 1958, no Rio de Janeiro, sendo um dos maiores talentos que surgiu nos anos de 1970, após o jejum de duas décadas sem participação da natação feminina nos Jogos Olímpicos. Aos 6 anos, foi inscrita pelos pais na escolinha de natação do Clube de Regatas Flamengo (C.R.F.) do RJ. Sua mãe é professora de Educação Física e incentivadora no esporte, e o pai se envolveu com a organização das competições, ainda amadoras na época. Em 1967, aos 9 anos, concluiu o curso de aprendizado em natação; aos 10 ingressou na equipe do C.R.F., sujeitando-se aos treinamentos rigorosos; em 1970, com 12 anos, foi campeã brasileira pela primeira vez, treinando com a equipe principal. Maria Elisa teve vários técnicos e passou sua carreira esportiva no C.R.F., exceto durante um ano no Botafogo Futebol e Regatas (B.F.R.) também do RJ, treinada por Roberto Pável, quando atingiu os melhores resultados. Em 1972, ingressou na primeira seleção brasileira absoluta, formada por uma nova geração. Neste ano, as atletas foram convocadas para os Jogos Olímpicos de Munique por méritos técnicos, não havendo índices. Maria Elisa não foi convocada pelo fato de ser muito nova, com 13 anos, e ter pouca experiência internacional. Anos mais tarde, Maria Elisa alcançou o índice estabelecido pelo Comitê Olímpico Brasileiro-COB e foi aos Jogos Olímpicos de Montreal, 1976. Na mesma época, tornou-se a primeira nadadora sul-americana a nadar abaixo de um minuto a distância dos 100 metros nado livre, além de ter sido recordista sul-americana em todas as provas deste estilo, dos 100 aos 1500 metros. Atingiu o auge de sua *performance* na década de 1970, testemunhando o início do uso dos esteróides anabolizantes por equipes da Cortina de Ferro, quando não havia qualquer controle pelo Comitê Olímpico Internacional, fato que comprometeu os resultados da natação brasileira feminina no cenário internacional. Enfrentou os preconceitos circulantes da época, que associavam a prática da natação com a masculinização das atletas. Atualmente, segue carreira como arquiteta, residindo na cidade do Rio de Janeiro.

**Patrícia Amorim Sihman** Nasceu em 13 de fevereiro de 1969, no Rio de Janeiro. Aprendeu a nadar aos três anos, acompanhando a irmã mais velha, Paula, na piscina do B.F.R.. Talento reconhecido e incentivado pela família, aos 7 anos, transferiu-se para o C.R.F., onde iniciou a carreira competitiva. No Flamengo, Patrícia foi atleta, estagiária, professora, auxiliar técnica, técnica, coordenadora e diretora dos esportes aquáticos. Tornou-se campeã estadual, brasileira, sul-americana, e integrou a seleção brasileira, disputando Copas-Latinas, Pan-Americanos, Campeonatos Mundiais, Universiades e os Jogos Olímpicos. Sua trajetória iniciou em 1977, sendo campeã brasileira no Troféu Cidade de Campinas. Na época, ainda jovem, Patrícia alcançava as finais do Troféu Brasil de Natação. Em 1983, participou da Copa Latina, em Portugal, e dos Jogos Pan-Americanos, em Caracas, e iniciou uma carreira de vitórias e recordes continentais nas provas em que era especialista (200, 400, 800 e 1500 metros livres). Em 1984 foi pré-convocada e posteriormente cortada da delegação que iria aos Jogos Olímpicos de Los Angeles, fato que marcou sua carreira, e quase a fez abandonar as piscinas. Após o corte, Patrícia iniciou uma batalha visível na imprensa da época, reivindicando critérios claros de convocação para os Jogos Olímpicos e outras competições internacionais, além do maior apoio

*presented here are the following according to the stage they represent: Piedade Coutinho Tavares – Olympic Games between 1936 and 1952; Maria Elisa Guimarães Zanini and Patrícia Amorim Sihman – 1970s and 1980s; Fabíola Pulga Molina – 1990s and Olympic Games of Sydney, 2000.*

à natação feminina. Em 1987, foi ao Pan-Americano de Indianápolis, à Copa-Latina e a Universiade, treinando em condições desfavoráveis. Tornou-se a primeira mulher sul-americana a baixar a marca dos nove minutos nos 800 metros livres e os dezessete minutos nos 1500 metros. Em 1988, conquistou o sonho de participar dos Jogos Olímpicos de Seul. Patrícia encerrou a carreira aos 21 anos, após uma saturação do corpo pelos treinamentos, que a faziam nadar 16 mil metros diários, com nove a onze treinos semanais. Patrícia sublinha a dificuldade de resultados internacionais expressivos nas décadas de 1970 e 1980, quando o doping se arraigou entre as atletas, sem ser detectado pelo C.O.I., além do preconceito ainda presente na sociedade conservadora da época, em relação às transformações que o treinamento causava no corpo das nadadoras. Tornou-se, junto com uma geração, responsável pelo retorno da natação feminina aos Jogos Olímpicos, após uma ausência de doze anos, desde os Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976. Formou-se em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e, recentemente, elegeu-se vereadora na cidade do Rio de Janeiro, trabalhando com projetos de incentivo ao esporte.

**Fabíola Pulga Molina** Nasceu em 22 de maio de 1975, em São José dos Campos - SP. Na década de 1990, foi considerada a melhor nadadora brasileira no ranking mundial da Federação Internacional de Natação Amadora-FINA. Os pais, ex-nadadores, a incentivam nos treinamentos. As aulas de natação começaram com fins terapêuticos, aos 6 anos. Na Associação Esportiva São José (A.E.S.J.) de sua cidade, tornou-se atleta federada, época em que também praticava ginástica olímpica. Em 1994, Fabíola vencia facilmente suas provas na América do Sul. Treinando sozinha e desestimulada, decidiu, com apoio familiar, ir estudar e treinar nos Estados Unidos, cursando Artes Cênicas na Universidade do Tennessee e treinando com Dan Colela. Em 1996, nas vésperas dos Jogos Olímpicos de Atlanta, durante o Troféu Brasil de Natação, Fabíola e um grupo de nadadoras se destacaram pela reivindicação da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos-CBDA, da necessidade de um projeto específico para o desenvolvimento da natação feminina, situação já vivenciada pelas gerações anteriores. Em 1998, Fabíola Molina mudou-se para Nova Iorque, onde treinou com John Collins. Não se adaptando aos seus métodos, foi para a Flórida treinar com Michael Lohberg, visando a participação nos Jogos Olímpicos de Sidney, 2000, nos quais foi a única nadadora brasileira participante. Retornando ao Brasil, foi atleta do Clube de Regatas Vasco da Gama (C.R.V.G.) no Rio de Janeiro e atualmente está filiada ao já citado A.E.S.J., no estado de SP. Alguns fatos marcantes na sua carreira esportiva foram: o Pan-Americano de Cuba, 1991, quando integrou a primeira seleção adulta; o período nos Estados Unidos, disputando campeonatos universitários femininos; a Universiade na Itália, 1997, sendo vice-campeã mundial universitária; a participação no Campeonato Mundial da Austrália, 1998, com a 11ª colocação nos 100 metros costas, até então a melhor colocação de uma brasileira no Campeonato Mundial; e a participação nos Jogos Olímpicos de Sidney. Atualmente, Fabíola Molina ainda permanece nas competições, estando entre as melhores nadadoras do país.

**Fontes** Devides, Fabiano P. (2003). História das Mulheres na Natação Brasileira no século XX: das adequações às resistências sociais. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho; Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 1931, 1932, 1936, 1939, 1941, 1948, 1952, 1958, 1970-1976, 1982-1984, 1986-1990, 1992-1997, 2000; Sihman, Patrícia A. Entrevista cedida em 03.08.2001. Rio de Janeiro; Silva, Maria C. de P. (1999). Mulher, Jogos Olímpicos e memória nacional: o caso de Piedade Coutinho. In.: Tavares, O.; Costa, L. P. da (orgs.). Estudos Olímpicos. Rio de Janeiro: UGF; Zanini, Maria E. G. Entrevista cedida em 19.03.2001. Rio de Janeiro; UNITED STATES OLYMPIC COMMITTEE (1999). Pan Am Games Record Guide – XIIIth Pan American Games. Canadá: U.S.O.C.